

LUÍS CÍLIA A «o diário» O cantor de intervenção em Portugal ainda não ganha para viver

"Nasci em Angola no primeiro dia de Fevereiro de 1943. Em 1959 vim para Portugal para continuar os estudos, porque na então colónia não havia cursos superiores. Depois de acabar o 7.º ano, como aconteceu a muitos outros estudantes, frequentei a Casa dos Estudantes do Império, considerada na altura um 'antro subversivo'. Por lá passaram grandes dirigentes como Agostinho Neto e Amílcar Cabral, entre outros. Foi um período decisivo da minha vida, pois aí comecei a adquirir uma consciência política dos factos".

"Numa tarde calma, num terceiro andar de um prédio de Lisboa, Luís Cília, um cantor que ficará na história da resistência e da denúncia do fascismo, falou longamente do que tem sido a sua vida. Uma vida de cantor revolucionário que conheceu durante anos o exílio e vale a pena contar em pormenor.

"Nos anos 60 já cantava, mas eram coisas imbecis. Andava pelos 'rocks'. Em 1962, porém, conheci o poeta comunista Daniel Filipe, que tinha um grande interesse pelo trabalho feito por certos cantores franceses, como Leo Ferré e Brassens. Ele incentivou-me e, embora timidamente e com pouca qualidade, comecei a musicar os primeiros poemas do Daniel e de outros poetas. Como é evidente não as podia apresentar em público em Lisboa, a não ser, claro, em sessões da Casa do Império. Entretanto, em 1964, quando estava para entrar para a tropa preferi exilar-me (curiosamente soube, quando regresssei, que estava indigitado para ir para Penamacor...) Fui para França".

"Em Paris nem tudo foram rosas para o então emigrante-cantor-nas-horas-vagas. Tentou integrar-se dentro do ambiente da emigração portuguesa, começando a cantar em festas da Associação de Emigrantes, chegando a fazer parte da Associação de Originários de Portugal.

"Passados para aí uns dois ou três meses conheci a Collette Magny, que me apresentou à editora 'Chants du Monde', e foi daí que nasceu o meu primeiro disco 'Portugal-Angola: Cantos de Luta'.

"Para viver da música, pois as condições em França eram bastante liceas. Fui trabalhando — fiz, como outros, um pouco de tudo, desde descarregar camiões até guardar-ocurno — e ao mesmo tempo tocava música e tocava aos fins de mana em festas de portugueses". Em Portugal, entretanto, via-se em segredo o primeiro disco de Cília. Na sua voz etérea possuía de raiva, em não se lembra do "Rola a gente uma bola no chão de Angola"? Ou do "Meu País, meu país, do céu limpo, calmo, é para meu canto a minha esperança"? Poucos, esboçava-se a viragem da vida de Luís Cília, que acabaria a ser tornar num dos raros artistas portugueses empenhados na missão de intervenção profissionalizar-se.

"No final de 1965 houve um alizador francês, Christian de Tallonne, que fez um filme bastante notado em Portugal chamada-se 'O Salto' e do qual eu e a sorte de fazer a música. Foi partir daí que eu pensei começar viver exclusivamente da música". Ora, foi também por essa altura e Luís Cília conheceu um cantor francês então pouco conhecido com o qual passou a actuar rante seis anos — Paco Ibañez. Os dois foram surgindo, bem como viagens e contactos com outros artistas que vieram a ficar célebres mundo da canção política.

"Tive realmente algumas experiências importantes. Foi, por mplo, em 1967, a Cuba, onde participei no '1.º Encontro da canção de Protesto', tendo contratado aí cantores como Sabél e o Angel Parra, Daniel Jettli e Carlos Puebla, de quem

me tornei bastante amigo. Já agora será interessante referir que o movimento da Nova Trova Cubana, que hoje tem muito vigor e muita importância em Cuba, com Silvio Rodríguez e Pablo Milanes, entre outros, nasceu precisamente depois de se ter realizado esse encontro. Além disso andei pela Europa dando concertos e, em 1973, participei, com a delegação portuguesa, no Festival Mundial da Juventude em Berlim. Fui dando espectáculos, fiz um curso de composição e pude estudar viola clássica. Por outro lado tentei sempre realizar o meu trabalho integrado nas estruturas da emigração — dirigindo-me aos emigrantes e trabalhando partidarmente".

DEPOIS DO 25 DE ABRIL

Quando Abril chegou Cília estava, pois, em França. Como aconteceu com todos os homens que, no exílio, lutaram para a queda do fascismo, logo pensou em voltar à Pátria agora libertada.

"Vim alguns dias depois do 25 de Abril. Até tive, sorte de regressar no mesmo avião em que viajou Álvaro Cunhal. No entanto, como em França a vida artística está

trina firmado uma série de contratos, voltei novamente a Paris e apenas regresssei definitivamente em Dezembro de 1974. O ambiente que se vivia cá nessa altura era extraordinário. Entre outras coisas pude participar em várias campanhas de dinamização cultural, e, como eu era profissional, pude acompanhá-las de principio ao fim, o que constituiu para mim uma experiência extraordinária. Porém, em Portugal, as estruturas culturais ainda não estão organizadas para que um cantor possa de facto viver da música, pelo que me vi, e vejo, forçado a ir de vez em quando actuar ao estrangeiro para poder continuar por cá".

Para além de um recital no Vasco Santana, pouco depois de ter regressado de França ("Talvez pelo momento que se vivia passou um bocadinho despercebido"). Cília, desde que cá está de novo já gravou três LP's e, recentemente, deu um conjunto de recitais, na sala da Comuna, sempre cheia.

"O primeiro LP que fiz depois de ter regressado era um bocadinho contra a corrente do que por aqui se fazia. Andava com isto na cabeça há muito tempo: fazer um disco com música antiga, do século XIII ao XIX, que gravei com o melhor grupo de música antiga francês. Foi para mim um trabalho bastante interessante e, por exemplo, a música que dá o título ao disco, 'O Guerreiro', foi depois a música utilizada para hino da Intersindical, claro que com outra letra. Fiz esse disco porque, após tantos anos de ausência, eu quis viver um pouco por dentro os acontecimentos e só depois fazer um trabalho adequado à nova realidade portuguesa.

Assim, nos fins de 75 saí então um novo disco, chamado 'Resposta', e há cerca de três semanas apareceu outro: 'Memória'. Quanto aos recitais na Comuna fi-los um pouco com a intenção de apresentar uma proposta de trabalho, ou talvez uma possível via de apresentação deste tipo de música. Tive a sorte dos elementos da Comuna me terem emprestado a sede e dado todas as facilidades, tendo ficado agradavelmente surpreendido ao



ver que as lotações se esgotaram, tendo tido um acolhimento bastante caloroso por parte das pessoas. Isso constituiu para mim um incentivo de trabalho muito grande. Foi realmente agradável ver que, hoje, as pessoas em Portugal estão dispostas a ouvir um recital dum só cantor".

A CANÇÃO DE INTERVENÇÃO

A propósito da canção de intervenção e das possibilidades de que um cantor "engage" tem de sobreviver em Portugal, Luís Cília tem uma opinião muito firme. São assuntos que lhe dizem directamente respeito e sobre os quais gosta de falar.

"Tem-se notado ultimamente uma série de ataques de indivíduos ligados ao que se chamava 'nacional-cançonetismo' (canção alienante) ao movimento da canção progressista. Essas críticas, quanto a mim, estão integradas dentro de um contexto político mais geral. e,

no fundo, não estão desligadas de todo um movimento de contestação de pessoas que querem voltar ao passado. Seria de facto um erro nosso não fazermos uma autorcrítica dos erros que cometemos até hoje. Porém, esses senhores que criticam todo o movimento de música progressista são aqueles que durante 50 anos tiveram todo o acesso à TV, à Rádio e aos outros órgãos de informação, o que, mesmo depois do 25 de Abril, não



se verificou com o novo tipo de música. Por outro lado, como em muitos outros sectores, com o 25 de Abril — e é fenómeno absolutamente normal, que se passou também noutros países — houve toda uma série de oportunidades que, sem terem uma verdadeira consciência política começaram a cantar coisas a que eles chamavam de 'canções progressistas'. Isso, a meu ver, gerou toda uma confusão que foi prejudicial. Porém, creio que neste momento já as coisas se começam

A PROFISSIONALIZAÇÃO

Lebrando depois que "o trabalho de um artista tem que ser sempre enquadrado politicamente, tentando acompanhar de facto as lutas daqueles a quem nos queremos dirigir e de quem podemos ser um pouco porta-vozes artísticos", Cília abordou a questão da profissionalização do cantor de intervenção, fenómeno que, na sua opinião, não tem sido encarado convenientemente entre nós.

"Embora todo o movimento da canção política, ou de intervenção, ou de protesto, como se queira chamar-lhe, tenha tido um saldo positivo, teve que enfrentar as contradições da própria realidade política portuguesa. Porém, creio que agora há que passar a uma fase diferente: criar condições de profissionalização daqueles músicos que acham que a sua vida é a música. Há que estabelecer prioridades e ver de que forma o artista pode exercer a sua arte de uma forma gratuita e militante, mantendo, no entanto, uma estrutura que permita a sobrevivência a um certo número de músicos. Não podemos esquecer que se mantém intacta toda uma estrutura empresarial e mafiosa proveniente do fascismo. Temos, portanto, que dar uma resposta a essa situação e apresentar uma alternativa. Julgo que temos que organizar espectáculos com outro tipo de critérios, com uma organização mais esmerada: começando a horas, com condições técnicas, que se façam respeitar por um público que muitas vezes vem

a estas coisas apenas por um certo militantismo. Considero bastante positiva a organização de espectáculos como os do Pavilhão dos Desportos sobre as '25 canções de Abril'. Creio que só com a organização e a formação de uma certa qualidade de espectáculos se poderá avançar. Temos que tomar como exemplo o rigor profissional da maior parte dos cantores cubanos, que não se preocupam apenas com o conteúdo mas também com a forma.

A ACTIVIDADE MILITANTE

A propósito de profissionalização: Cília não quis deixar de falar do que se passa com a generalidade dos cantores de intervenção do nosso país, que, tendo em muitos casos todas as qualidades para se profissionalizarem, não o fazem, cantando embora todos os dias, ou quase, em sessões e comícios partidários. Sem esquecer que na origem do fenómeno está a falta de condições existentes em Portugal para que um artista possa sobreviver — daí que um Barata Moura continue a cantar e a ser professor e — o caso mais escandaloso, a merecer a atenção de todos os portugueses — um Carlos Paredes, sem dúvida um virtuoso da guitarra, um dos melhores executantes mundiais, ganhe a sua vida trabalhando obscuramente na secretaria de um Hospital — Luís Cília falou de um outro aspecto da questão:

"Creio que é absolutamente normal que um cantor integrado dentro de uma estrutura política de a sua colaboração e a sua ajuda para

qual todos combatemos. Nesse aspecto o Canto Livre teve uma importância bastante grande. No entanto, creio que se caiu num exagero em Portugal. Toda a gente tem o número dos telefones dos cantores, e, claro, todos os dias cada um de nós recebe quatro a cinco telefonemas para ir cantar gratuitamente a locais onde muitas vezes não é essencial que esteja lá um cantor. Até se chega a situações absurdas. No outro dia, por exemplo, vieram ter comigo duas pessoas que tinham pedido um carro emprestado e, como estavam e tinham de pagar um arranjo de 40 contos, foram possuídos de uma ideia genial: fazer um espectáculo com cantores à borla. Parece absurdo, mas foi verdade. Mas voltando atrás: é preciso encontrar um equilíbrio entre a actividade militante de cada músico e a possibilidade de ele poder viver da sua profissão. Creio que isto é possível e hoje estou convencido que é o único caminho que permitirá o desenvolvimento qualitativo da canção em Portugal".

Levando as suas opiniões à prática, Luís Cília que vive exclusivamente da música, tem recusado muitos e muitos convites que lhe têm sido feitos para ir cantar em sessões e comícios. Aqui e ali aceita cantar gratuitamente, não pretendendo, contudo, vulgarizar-se. Frequenta neste momento um curso de canto e pratica viola várias horas. Como em Portugal não há condições para sobreviver apenas da sua arte, continua a ir regularmente ao estrangeiro: ainda agora regressou da Galiza, onde durante sete dias deu outros tantos recitais, e de 14 a 17 de Abril andará pela Itália. Passa também realizar noutros pontos do País, espectáculos do género dos que realizou na Comuna. Assim é Luís Cília, um cantor que ficará na história da resistência antifascista. Se mais não tivesse feito bastava-lhe ser o autor da música e letra do "Avante!", que, diariamente, milhares de portugueses cantam.

Ribeiro Cardoso

UB.
ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ - TEL. 87 42 80
ÚLTIMAS!
"OS OPERÁRIOS DO NATAL"

PUB.
TEATRO DA PROMOTORA
L. DAS FONTAINHAS (CALVÁRIO)
5.º MÊS
«MANECAS NA IDADE DA PEDRA»
Teatro Infantil de Lisboa
Sábado e Domingo, 16 horas